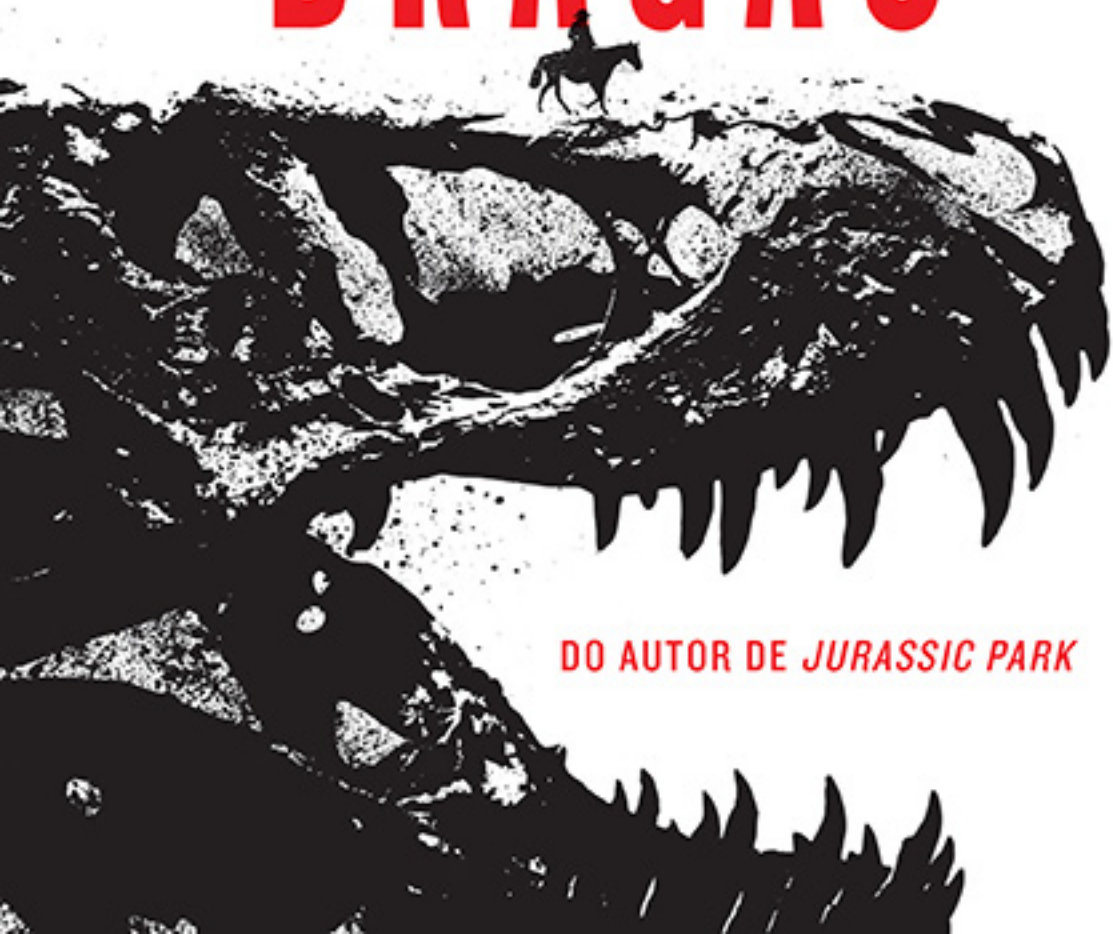
MICHAEL CRICHTON

DENTES DE DRAGÃO



DO AUTOR DE *JURASSIC PARK*

O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Introdução

Tal como se vê numa fotografia antiga, William Johnson é um rapaz bonito com um sorriso enviesado e pueril. Ele aparece recostado de modo displicente à fachada de um prédio gótico, como se posasse para um estudo sobre as posturas físicas da indiferença. É um sujeito alto, mas o tamanho parece irrelevante para o seu jeito de ser e de se apresentar ao mundo. No verso da foto está escrito: "New Haven, 1875"; aparentemente foi tirada à época em que Johnson deixou a casa dos pais para iniciar seus estudos no Yale College.

Em uma foto posterior ("Cheyenne, Wyoming, 1876"), ele aparece de um modo bem diferente: a boca está emoldurada por um respeitável bigode; o corpo ficou robusto, fortalecido pelo exercício; o queixo firme mostra determinação, assim como os ombros largos e as pernas afastadas – atoladas até as canelas na lama. Vê-se com bastante nitidez uma cicatriz estranha no lábio superior, que anos mais tarde ele afirmaria ser o resultado de um ataque indígena.

A história a seguir conta o que aconteceu entre uma foto e outra.

PELO ACESSO AOS DIÁRIOS e anotações de William Johnson, agradeço ao acervo patrimonial de W. J. T. Johnson e, em particular, a Emily Silliman, sobrinha-neta dele, que autorizou as inúmeras citações que fiz de materiais não publicados. (Muito do conteúdo fatual dos relatos de Johnson chegou a ser divulgado no ano de 1890, durante as disputas autorais entre Cope e Marsh, tão ferrenhas que acabaram envolvendo o governo americano. Mas os textos propriamente ditos, ou excertos, nunca foram publicados, pelo menos até agora.)

PARTE I

A EXPEDIÇÃO PARA O OESTE

O jovem Johnson parte numa expedição para o Oeste

William Jason Tertullius Johnson, filho mais velho de Silas Johnson, um armador da Filadélfia, começou seus estudos no Yale College no outono de 1875. Segundo o diretor do seu colégio em Exeter, Johnson era "talentoso, bem-apessoado, atlético e competente". Mas esse mesmo diretor também dizia que ele era "teimoso, preguiçoso e muito mimado, insensível a tudo que não tenha a ver com a satisfação de seus próprios desejos. A menos que encontre um objetivo na vida, corre o risco de resvalar para a indolência e o vício".

Essas palavras poderiam ser usadas para descrever milhares de outros rapazes naquele fim de século nos Estados Unidos, jovens com pais dinâmicos e intimidantes, muito dinheiro no bolso e nenhum interesse especial que os ajudasse a passar o tempo.

William Johnson cumpriu fielmente as previsões do seu diretor durante o primeiro ano em Yale. Foi suspenso em novembro, depois de ser pego apostando, e de novo em fevereiro, após um incidente envolvendo muito álcool e a destruição de uma vitrine em New Haven. Silas Johnson pagou a conta. Apesar do comportamento delinquente, Johnson permanecia cortês e até mesmo um pouco tímido com as mulheres da sua idade, ainda que elas, apesar da criação

severa, procurassem chamar sua atenção. Em todos os demais aspectos, no entanto, Johnson seguia impenitente. No início daquela primavera, numa tarde ensolarada, chegou a arruinar o iate do seu colega de quarto ao batê-lo num banco de pedra nas águas rasas do estuário de Long Island Sound. O barco afundou em questão de minutos. Por sorte, Johnson foi resgatado por uma traineira que passava por perto e, ao explicar o que acontecera, admitiu para o grupo de pescadores estarrecidos que não se dera o trabalho de aprender a navegar porque isso teria sido "terrivelmente maçante. Afinal de contas, pilotar um iate não pode ser tão difícil assim". Confrontado pelo colega, reconheceu que não havia pedido permissão para usar o barco porque "não estava com paciência de ir procurá-lo".

Depois de pagar pelo iate destruído, o pai de Johnson reclamou com os amigos que, naqueles dias, "custear a educação de um filho em Yale poderia levar uma pessoa à ruína". O homem era o filho ajuizado de um imigrante escocês e fazia o possível para esconder os excessos dos próprios rebentos; nas cartas que escrevia para William, implorava que o jovem se emendasse, que tentasse encontrar um objetivo na vida. Mas William parecia satisfeito com a frivolidade de seus hábitos e, ao informar que pretendia passar o verão seguinte na Europa, ouviu do pai: "A simples perspectiva já me deixa financeiramente apavorado!"

Assim foi com espanto que a família recebeu a notícia de que William Johnson havia decidido, de repente, passar o verão de 1876 no Oeste do país. Johnson não dera nenhuma explicação a eles, mas, em Yale, seus amigos mais próximos sabiam de tudo: ele mudara de planos porque tinha feito uma aposta.

Em suas próprias palavras, tiradas do diário meticuloso que mantinha, ele diz:

> É bem provável que cedo ou tarde todo mundo acabe encontrando um arquirrival na vida. Pois foi no primeiro ano de Yale que

encontrei o meu. Harold Hannibal Marlin tinha a minha idade: 18 anos. Era bonitão, atlético, articulado, absurdamente rico e vinha de Nova York, que ele considerava superior à Filadélfia em todos os aspectos. Eu o achava insuportável, e ele pensava o mesmo de mim.

Marlin e eu competíamos em todas as arenas possíveis: na sala de aula, nas quadras de esportes, nas peças que pregávamos à noite no campus. Nada era importante se não servisse para alimentar nossa rivalidade. Vivíamos às turras, sempre tomando partidos contrários nas discussões.

Certa noite, durante o jantar, ele disse que o futuro do país estava no desenvolvimento do Oeste. E eu disse que não, que o futuro da nossa grande nação não podia estar numa área basicamente deserta, povoada por tribos de aborígines selvagens.

Ele retrucou dizendo que eu não sabia do que falava porque nunca tinha estado lá. Esse era o meu ponto fraco: Marlin de fato conhecia o Oeste americano, pelo menos até Kansas City, onde morava seu irmão, e nunca perdia a oportunidade de expressar sua superioridade no que dizia respeito às viagens.

Eu nunca encontrava o que dizer para refutar.

– Ir para o Oeste não é façanha nenhuma. Qualquer palerma pode ir – arrisquei.

– Mas nem todos os palermas foram. Você, pelo menos, não foi.

– Porque nunca quis.

– Vou lhe dizer o que acho – falou Hannibal Marlin, olhando à sua volta para ver se os outros estavam escutando. – Acho que você morre de medo.

– Isso é um absurdo.

– Ah, sim. Viagenzinhas para a Europa são mais do seu feitio.

– Europa? Europa é coisa de velho, de professores babões.

– Aposto que você vai passar o verão na Europa, provavelmente levando um para-sol a tiracolo.

– Pode até ser que sim, mas isso não significa que...

– Ah! Não falei? – disse Marlin, dirigindo-se aos outros em torno da mesa. – Você tem medo! Tem medo! – insistiu, abrindo um sorrisinho de superioridade que me deixou furioso.

Não tive escolha.

– Na realidade – falei com toda a calma –, até já me decidi. É para o Oeste que vou nesse verão.

Foi o que bastou para apagar do seu rosto aquele sorriso irritante.

– Ah, é?

– Exatamente. Vou com o professor Marsh. Todo verão ele leva um grupo de alunos.

Na semana anterior havia circulado um anúncio no jornal da faculdade, do qual eu tinha apenas uma vaga lembrança.

– Com o Marsh? O velho e gorducho Marsh? O professor de ossos?

– Ele mesmo.

– Pelo que sei, é extremamente criterioso ao selecionar quem vai levar nessas viagens e depois trata todo mundo como um carrasco. Isso não faz muito o seu estilo, Johnson. – Desconfiado, ele perguntou: – Quando vocês partem?

– Ele ainda não marcou a data.

Marlin riu e disse:

– Você não vai viajar com Marsh coisa nenhuma; provavelmente nem conhece o homem.

– Vou, sim.

– Não vai.

– Pode acreditar, já está tudo decidido.

Marlin suspirou daquele seu jeito condescendente.

– Tenho aqui mil dólares dizendo que você não vai.

Com essa declaração, todos que estavam à mesa voltaram os olhos para ele, que tornou a ser o centro das atenções. Mil dólares era muito dinheiro em 1876, mesmo entre os rapazes mais ricos.

– Mil dólares dizendo que você não vai a lugar algum com o professor Marsh neste verão – repetiu.

– O cavalheiro acabou de firmar uma aposta – falei.

E naquele momento me dei conta de que seria obrigado a passar o verão inteiro na companhia de um professor que todos consideravam doido, catando ossos velhos em algum deserto escaldante e horroroso.

Marsh

O gabinete do professor Marsh ficava no prédio do Peabody Museum, no campus de Yale. Sobre o verde da porta pesada, letras brancas informavam: PROF. O. C. MARSH. VISITAS APENAS COM HORA MARCADA.

Johnson bateu uma primeira vez. Não obteve resposta, então tornou a bater.

– Vá embora!

Bateu uma terceira vez.

Uma pequena fresta se abriu e um olho apareceu pela porta entreaberta.

– O que você quer?

– Eu gostaria de falar com o professor Marsh.

– Mas será que ele quer falar com você? – perguntou o olho. – Duvido muito.

– Vim por causa deste anúncio – disse Johnson, erguendo o jornal da semana anterior.

– Sinto muito, chegou tarde demais. As vagas já foram preenchidas.

A fresta foi fechada abruptamente.

Johnson não estava acostumado a ser rejeitado, e isso não ia acontecer justamente agora, quando se tratava de uma viagem estúpida

da qual ele nem havia pensado em participar. Furioso, chutou a porta e voltou os olhos para o vaivém dos coches na Whitney Avenue. Mas, com a reputação em jogo, mais os mil dólares, procurou se controlar e com muita educação bateu à porta outra vez.

– Desculpe, professor Marsh, mas preciso ir nesta viagem para o Oeste com o senhor.

– Meu jovem, o que você precisa fazer é ir embora. Vá logo.

– Por favor, professor! Por favor, me deixe participar da sua expedição! – suplicou. Preferiria morrer a ter que se humilhar diante de Marlin. Com a garganta apertada e os olhos molhados, falou: – Por favor, me escute, senhor. Vou fazer tudo que o senhor mandar. Posso até levar o meu próprio equipamento.

A fresta se abriu novamente, e o olho disse:

– Rapaz, todos levam o próprio equipamento e todos fazem o que eu mando. Menos você, que está se submetendo a este espetáculo nada viril. Agora suma daqui!

– Por favor, professor, o senhor precisa me levar.

– Se queria tanto ir, deveria ter respondido ao anúncio na semana passada, como os demais. Trinta pessoas se apresentaram como candidatas na semana passada, e agora já selecionamos todo mundo, a não ser... Você, por acaso, não é fotógrafo, é?

Johnson viu a oportunidade e tratou de agarrá-la.

– Fotógrafo? Sou, sim, senhor! Por acaso, sou!

– Ótimo! Por que não falou antes? Entre.

A porta se escancarou e só então Johnson pôde colocar os olhos na figura avantajada, impositiva e solene de Othniel C. Marsh, o primeiro professor de paleontologia de Yale. De estatura mediana, o homem parecia gozar de uma adiposa e robusta saúde.

Johnson foi conduzido para o interior poeirento da sala. O sol cortava a penumbra em grandes colunas, como nas catedrais. No espaço cavernoso, homens de jaleco branco debruçavam-se sobre grandes blocos de pedra, trabalhando com muito cuidado enquanto destacavam os ossos com pequenos cinzéis, volta e meia limpando

o pó com uma escovinha. Num canto distante, um gigantesco esqueleto estava sendo montado, assomando na direção do teto.

– *Giganthopus marshiensis*, a maior das minhas conquistas – disse Marsh, apontando o queixo para a titânica criatura de ossos. – Bem, pelo menos até agora. Encontrei em 1874, em Wyoming. Não sei por que, mas sempre penso nela como uma fêmea. Qual é o seu nome?

– William Johnson, senhor.

– Seu pai, ele trabalha com quê?

– Construção naval, senhor – respondeu Johnson, tossindo por causa da poeira espessa que pairava à sua volta.

Marsh olhou para ele, desconfiado.

– Está doente, Johnson?

– Não, senhor. Estou muito bem.

– Não posso ter doentes por perto.

– Minha saúde é excelente, senhor.

Marsh não se deu por convencido.

– Quantos anos você tem, Johnson?

– Dezoito, senhor.

– E é fotógrafo desde quando?

– Fotógrafo, eu? Ah, hmm... desde muito cedo, senhor. Meu... Meu pai gostava de tirar fotos, foi com ele que aprendi, senhor.

– Tem o seu próprio equipamento?

– Sim! Quero dizer... não, senhor. Mas posso conseguir. Com o meu pai, senhor.

– Você está nervoso, Johnson. Por que será?

– Estou ansioso para viajar com o senhor, só isso.

– Ansioso – repetiu Marsh, examinando Johnson como se ele fosse mais um dos seus espécimes desconhecidos.

Desconcertado, Johnson arriscou um elogio:

– Já ouvi muitas coisas empolgantes a seu respeito, senhor.

– Ouviu, é? Como o que, por exemplo?

Johnson hesitou. Na realidade, ouvira apenas que Marsh era um homem determinado e obsessivo, que devia sua cátedra não só ao

interesse maníaco que tinha por ossos fossilizados, mas também ao tio, o famoso filantropo George Peabody, que financiara a construção do Peabody Museum e também a docência do sobrinho e todas as expedições que ele havia feito até então para o Oeste do país.

– Todos que já tiveram a oportunidade de acompanhá-lo, senhor, dizem que é um grande privilégio e uma grande aventura.

Marsh ficou calado por um tempo, depois disse:

– Não gosto de elogios nem de bajulação. Tampouco gosto de ser chamado de "senhor". Pode me chamar de "professor". Quanto ao privilégio e à aventura, o que tenho a oferecer é trabalho duro. Muito trabalho e bastante duro. Mas uma coisa eu garanto: todos os meus alunos sobreviveram. E então... por que quer tanto ir comigo?

– Motivos pessoais, senh... professor.

– Todos os motivos são pessoais, Johnson. Quero saber quais são os seus.

– Bem, professor, sou muito interessado no estudo dos fósseis.

– Interessado? Você disse que é interessado? – Apontando para o espaço à sua volta, Marsh falou: – Meu rapaz, estes fósseis não querem saber apenas de interesse. Querem paixão, compromisso, fervor religioso e curiosidade científica, querem discursos e debates acalorados! Interesse é muito pouco. Muito pouco mesmo, desculpe.

Johnson chegou a temer que tivesse perdido sua oportunidade com a resposta infeliz que dera. No entanto, numa rápida guinada, Marsh sorriu.

– Não importa. Preciso de um fotógrafo, e você pode vir comigo – disse, estendendo a mão. O rapaz a apertou e ele perguntou: – De onde você é, Johnson?

– Filadélfia.

A menção à cidade teve um efeito extraordinário sobre o professor. Soltando a mão de Johnson, ele deu um passo atrás e exclamou:

– Filadélfia! Você... é da Filadélfia?

– Sim, senhor. Algum problema com a Filadélfia?

– Não me chame de "senhor"! E o seu pai é do setor naval?

– Sim.

Marsh ficou roxo, estremeceu de raiva.

– Imagino que você seja um quacre também! Não é? Um quacre da Filadélfia?

– Não. Na realidade, sou metodista.

– Não é mais ou menos a mesma coisa?

– Acredito que não.

– Mas você mora na mesma cidade que ele.

– Ele quem?

Marsh emudeceu, franziu as sobrancelhas e ficou olhando para o chão. Depois, num dos seus repentes, empertigou o corpanzil. Para alguém com uma pança tão grande, era surpreendentemente ágil e atlético.

– Deixe para lá – disse ele, voltando a sorrir. – Apesar do que dizem por aí, não tenho nenhuma rixa com nenhum residente da Filadélfia, a Cidade do Amor Fraterno. Mas imagino que você esteja se perguntando onde vamos caçar nossos fósseis no próximo verão.

Johnson não estava se perguntando coisa alguma, mas, para dar mostras do seu interesse, falou:

– Confesso que estou um pouco curioso, sim.

– Foi o que pensei, foi o que pensei... Acontece que é segredo – sussurrou Marsh, inclinando-se na direção dele. – Está entendendo? É um segredo só meu! E continuará sendo até embarcarmos no trem que nos levará para o outro lado do país. Fui claro? *Fui claro?*

Johnson recuou um passo, assustado com a veemência do homem.

– Foi, professor.

– Ótimo. Se seus pais quiserem saber para onde você está indo, diga que é para o Colorado. O que não é verdade, pois não vamos para o Colorado este ano. Mas não importa, já que você ficará incomunicável e o Colorado é um lugar maravilhoso para onde *não* ir. Entendido?

– Entendido, professor.

– Ótimo. Pois bem: no dia 14 de junho pegaremos o trem no Grand Central Depot de Nova York. No dia 1º de setembro, no mais tardar, retornaremos para a mesma estação. Amanhã, procure o secretário do museu e ele lhe passará a lista das provisões que você deverá levar; no seu caso, a lista de equipamentos fotográficos também. Seu material deverá ser suficiente para cem chapas. Alguma pergunta?

– Não, senhor. Não, professor.

– Então nos vemos na plataforma no dia 14, Sr. Johnson.

O jovem apertou a mão úmida e fria que Marsh lhe estendeu.

– Obrigado, professor – disse, virando-se para sair.

– Opa, opa, opa! Aonde pensa que está indo?

– Embora.

– Sozinho?

– Conheço o caminho, já que...

– Ninguém, Johnson, tem permissão para se deslocar neste recinto sem a companhia de um funcionário. Não sou idiota. Sei muito bem dos espiões que andam por aí, loucos para dar uma olhada nos meus últimos rascunhos, nos últimos ossos escavados. O Sr. Gall, meu assistente, o acompanhará até a porta.

Ao ouvir seu nome, um sujeito miúdo e magricela, embrulhado num jaleco, deixou de lado o cinzel com o qual trabalhava e se encaminhou com Johnson para a porta.

– Ele é sempre assim? – sussurrou Johnson.

– O dia está lindo – respondeu Gall, abrindo um sorriso. – Até mais ver.

E então William Johnson saiu para a rua.

Aprendendo a fotografar

Johnson só pensava em se ver livre da sua aposta e da iminente expedição. Estava convencido de que Marsh era um grande lunático, talvez até um homem perigoso. Decidiu então marcar outro encontro com Marlin para dar um jeito de escapar da situação.

Mas naquela mesma noite, para seu horror, ficou sabendo que a maldita aposta tinha ficado famosa. Todos no campus sabiam dela. Durante o jantar, as pessoas vinham à sua mesa para falar do assunto, fazendo algum comentário rápido ou uma piada. Recuar agora seria impossível.

Ele se deu conta de que não havia saída.

No dia seguinte, foi até a loja do Sr. Carlton Lewis, um fotógrafo local, e acertou um pacote de vinte aulas pela quantia absurda de cinquenta dólares. O homem ficou encantado com seu novo aluno; geralmente não eram os ricos que se interessavam pela fotografia, mas sim aqueles que, sem capital para investir em negócios de maior prestígio, buscavam algo que os ajudasse a ganhar o pão de cada dia. Até mesmo Mathew Brady, o mais célebre dos fotógrafos do seu tempo, o grande cronista da Guerra Civil, que fotografava presidentes e estadistas, costumava ser tratado como um simples criado pelos figurões que posavam para suas lentes.

Mas Johnson era persistente e em algumas semanas aprendeu as técnicas daquele novo meio de registrar as coisas, um artefato trazido da França quarenta anos antes pelo telegrafista Samuel Morse.

O processo em voga na época era o da "placa úmida": num quarto ou numa tenda escura, diversos produtos químicos eram misturados para produzir uma emulsão gelatinosa, sensível à luz; em seguida, placas de vidro eram recobertas com essa emulsão, levadas rapidamente para a câmera e expostas à cena, ainda molhadas. Era necessária certa habilidade para preparar uma cobertura homogênea e usá-la antes da secagem; o processo de revelação era comparativamente mais simples.

Johnson teve dificuldade para aprender. Não conseguia realizar as etapas com a rapidez necessária e com a desenvoltura de seu professor. Suas primeiras emulsões ficavam espessas ou ralas demais, úmidas ou secas demais; as placas tinham bolhas e diferenças de densidade, dando um ar amadorístico ao resultado final. Ele odiava o espaço diminuto e a escuridão da tenda, bem como as substâncias químicas pestilentas que irritavam os olhos, encardiam os dedos e queimavam as roupas. Odiava, acima de tudo, não estar conseguindo dominar a coisa com a facilidade prevista. E odiava também o Sr. Lewis, que tendia a filosofar.

– Você acha que tudo deve ser fácil só porque é rico – disse o fotógrafo certa vez, rindo dos palavrões que seu aluno deixara escapar ao meter os pés pelas mãos. – Mas estas placas não querem saber se você é rico ou pobre. Nem os produtos químicos. Nem a lente. Se quiser aprender alguma coisa, antes de mais nada terá que aprender a ser um pouco mais paciente.

– Não me amole – rebateu Johnson, irritado com o ar de superioridade daquele sujeito que, afinal de contas, não passava de um comerciante de escolaridade precária.

– O problema não sou eu – falou Lewis com serenidade. – O problema é você. Agora pare de resmungar e tente outra vez.

Johnson rangeu os dentes e cuspiu baixinho um palavrão.

Mas com o tempo ele foi melhorando. Lá pelo fim de abril, suas placas já estavam com a densidade uniforme e ele já trabalhava com rapidez suficiente para conseguir boas exposições. Suas fotos estavam límpidas, nítidas. Satisfeito, ele as mostrou ao professor, que disse:

– Está satisfeito com o quê? Estas fotografias estão um lixo.

– Um lixo? Estão perfeitas!

– Tecnicamente perfeitas – reconheceu Lewis, dando de ombros. – Isto significa apenas que você já sabe o bastante para começar a aprender algo sobre fotografia. Aliás, foi para isso que me procurou, não foi?

Então Lewis lhe ensinou os segredos e artimanhas do tempo de exposição, da abertura, da distância focal, da profundidade de campo. Johnson ficou desesperado: era muita coisa para aprender.

– Para os retratos, use a abertura máxima da lente, mas com um tempo curto de exposição, pois isso dá às chapas uma suavidade que cai bem aos retratados. Já no caso das paisagens, prefira as aberturas menores e os tempos de exposição maiores, pois as pessoas gostam de ver uma paisagem igualmente nítida tanto de perto quanto de longe.

Johnson aprendeu a variar os contrastes com mudanças na exposição e no tempo de revelação; aprendeu a posicionar de modo correto os objetos retratados em relação à luz; aprendeu a alterar a composição das emulsões de acordo com a claridade do dia. Trabalhava com afinco, fazia anotações detalhadas em seu diário. Mas também fazia reclamações: "Não suporto o sujeito." E por vezes acrescentava: "Porém não vejo a hora de ouvi-lo dizer que finalmente aprendi a arte de fotografar." No entanto, mesmo nesse tipo de comentário, percebia-se certa mudança na atitude de Johnson: ele não era mais aquela pessoa presunçosa que meses antes achara que não precisava aprender a pilotar um iate.

No início de maio, Lewis ergueu uma das placas do aluno contra a luz, examinou-a com uma lupa, depois virou-se para ele e declarou:

– Esta chapa está quase aceitável. Você fez um bom trabalho.

Johnson ficou exultante. No seu diário, escreveu: "Quase aceitável! Quase aceitável! As palavras mais doces que já adentraram meus ouvidos!"

O comportamento de Johnson de fato estava mudando: aos poucos ele começava a ver com olhos mais generosos a expedição em que se metera.

Ainda encaro estes três meses no Oeste como três meses de frequência obrigatória a uma temporada de ópera alemã. Mas devo admitir que, à medida que vai se aproximando o dia da partida, vou ficando mais empolgado. Já adquiri todos os itens da lista que recebi do secretário do museu, inclusive uma faca Bowie, um revólver Smith & Wesson de seis disparos, uma espingarda calibre .50, um par de botas de montaria e um martelo de geólogo. Meu entusiasmo cresce a cada compra. Dominei razoavelmente bem as técnicas da fotografia; comprei mais de trinta quilos de produtos químicos e equipamentos, além de cem placas de vidro. Em suma, estou pronto para partir.

Tenho apenas um único obstáculo pela frente: minha família. Preciso voltar à Filadélfia e contar a eles.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br